

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO PSICOLOGIA

JÚLIA FERNANDA DE OLIVEIRA SOUSA GOMES

VIUEZ NA VELHICE: as implicações da perda do cônjuge na vida dos idosos
através da análise do filme *UP-Altas Aventuras*

São Luís

2022

JÚLIA FERNANDA DE OLIVEIRA SOUSA GOMES

VIUEZ NA VELHICE: as implicações da perda do cônjuge na vida dos idosos
através da análise do filme *UP-Altas Aventuras*

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Me. Lidiane Verônica Collares da Silva

São Luís

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Gomes, Júlia Fernanda de Oliveira Sousa

Viuvez na velhice: as implicações da perda do cônjuge na vida dos idosos através da análise do filme Up-altas aventuras. / Júlia Fernanda de Oliveira Sousa Gomes. __ São Luís, 2022. 52 f.

Orientadora: Profa. Ma. Lidiane Verônica Collares da Silva.
Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2022.

1. Velhice. 2. Luto. 3. Viuvez. 4. Psicoterapia. I. Título.

CDU 615.851:393.7-053.9

JÚLIA FERNANDA DE OLIVEIRA SOUSA GOMES

VIUEZ NA VELHICE: as implicações da perda do cônjuge na vida dos idosos
através da análise do filme *UP-Altas Aventuras*

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Ma. Lidiane Verônica Collares da Silva

Mestra em Psicologia - UFMA

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Profa. Ma. Valéria Maria Lima Cardoso

Mestra em Psicologia - UFMA

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Psic. Esp. Loyane Ellen Silva Gomes

Especialista em Saúde Pública – UNIRIOS

Universidade Federal do Ceará - UFC

Dedico à todos que me apoiaram nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter sido meu amparo e refúgio e por me permitir vivenciar a mais completa jornada acadêmica, me sinto realizada.

Aos meus pais, Rosenilde e Sidney, por terem confiado tanto em mim e acreditado que sou capaz. Obrigada pela força e apoio, por não terem medido esforços para me prover a melhor experiência. Amo vocês além do que imaginam.

À minha irmã, Larissa, meu maior amor, minha parceria, melhor amiga e motivo de nunca desistir. Te amo.

Aos meus avós, Maria das Graças e Raimundo Gomes (*in memoriam*) e Maria das Graças e Raimundo Sousa, vocês são meus exemplos, meu alicerce e maiores referências. Amo vocês por toda eternidade.

À todos meus tios e tias, primos e primas, que nos momentos de necessidade não mediram esforços para me ajudar. Em especial à minha tia Patrícia Gomes, maior referência de inteligência e meu tio Paulo Gomes, pelo cuidado comigo.

Ao meu parceiro e grande amor, Igor Santos e sua família, eu não teria conseguido chegar até aqui sem tuas palavras de motivação e coragem. Obrigado por toda parceria, cuidado e respeito pelo meu processo. Meu amor é incomensurável.

Ao meu primo Luís Guilherme e minha tia Karla, por serem tão zelosos e amorosos comigo. Serei grata eternamente por toda ajuda no meu processo.

À minha amiga por toda a vida, Maria Cunha e sua família, por terem sido minha família também. Obrigada por nossas conversas e conselhos que tornaram o processo mais leve.

Às minhas parcerias na graduação, Rafaela, Amanda, Ana Clara, Sâmi e Thaila, vocês foram além do que imaginei, me apoiaram e vivenciaram tudo ao meu lado. Obrigada por todo amor e acolhimento. Não teria conseguido sem vocês. Espero que estejamos juntas para sempre.

À minha maravilhosa orientadora, Lidiane Collares, exemplo de profissional e ser humano. Obrigada pela motivação e acolhimento em todo o processo.

Aos meus professores, pela dedicação e profissionalismo. Grata a todo conhecimento e vivências que oportunizaram.

Por fim, sou grata à minha evolução, hoje reconheço minha força, minhas mudanças e minha capacidade. Posso afirmar: Consegui!

“Obrigada por essa bela aventura.
Agora está na hora de viver uma nova.”
(UP-Altas Aventuras)

RESUMO

Frente ao crescimento da população idosa no mundo, percebe-se a necessidade de estudos que abordem os aspectos que envolvem e podem dificultar o pleno processo de envelhecimento. Presente nesse processo, o enfrentamento do luto por perda de cônjuge se apresenta como uma possibilidade concreta e que acarreta sofrimento significativo na vida do idoso. A partir disso, o objetivo deste estudo consistiu em compreender os processos de enfrentamento do luto na fase da velhice e seus desafios focalizados na viuvez, através de uma análise das cenas da animação *UP-Altas Aventuras*. A metodologia da pesquisa se enquadrou na abordagem qualitativa, através da pesquisa bibliográfica utilizando-se dos registros disponíveis, como livros, artigos e teses, bem como da análise fílmica para compreender o processo de envelhecimento, a vivência da viuvez e como isso influencia o personagem que caracteriza a população idosa atual. Após a análise e discussão do material teórico, esse estudo demonstrou que as implicações da viuvez, associadas ao processo complexo de envelhecimento repercute de maneira ainda mais penosa na vida do idoso. Pôde-se comprovar o idoso ainda enfrenta estigmatizações que dificultam seu processo relacional pós-perda, bem como o trabalho psicológico voltado para esse contexto.

Palavras-chave: Velhice. Luto. Viuvez. Psicoterapia.

ABSTRACT

Due the increase in the elderly population in the world, was noticed the necessity for studies about the aspects that involve and can make the full aging process difficult. Present in this process, the confrontation of grief for loss of spouse shows itself as a concrete possibility and that causes significant suffering in the life of the elderly. From this point, the objective of this study was to understand the processes of facing the mourning in the phase of old age and the challenges focused on widowhood, through an analysis of the scenes of Up-Altas Adventures animation. The methodology for this reasearch fits the qualitative approach through bibliographic research using available records, as books, articles and thesis as well as the filmic analysis to understand the aging process, the experience of widowhood and how it influences the character that characterizes the current elderly population. After the analysis and discussion of theoretical material, this study demonstrated that the implications of widowhood, associated with the complex aging process repercussions even more painful in the life of the elderly. The elderly could still be proved to face stigmatization that hinders their post-wored relational process, as well as the psychological work aimed at this context.

Keywords: Oldness. Grief. Widowhood. Clinical Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Carl e Ellie lendo o Livro de Aventuras	38
Figura 2 - Casamento de Ellie e Carl.....	39
Figura 3 - Ellie hospitalizada.....	40
Figura 4 - Empresário na obra ao redor da casa de Carl.....	41

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A VELHICE	14
2.1 O processo de envelhecimento.....	14
2.2 Construção sócio-histórica da velhice.....	17
2.3 Quem é o idoso?	20
3 DA UNIÃO À PERDA.....	23
3.1 Percepção do luto na velhice	26
4 POSSIBILIDADES PSICOTERAPÊUTICAS COM IDOSOS VIÚVOS.....	31
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	38
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

A morte é, em sua maioria, compreendida como um acontecimento de grande impacto e dor, uma vez que seu caráter irreparável é causador de sofrimento significativo a quem encara a perda, a intensidade do sofrer relaciona-se com o valor afetivo que algo ou alguém possui a este sujeito. Tal experiência de rompimento de vínculo traz um conjunto de reações físicas, emocionais e psicológicas que compõem o desenvolvimento do luto, este termo refere-se ao processo natural posterior à perda considerado fluido, dinâmico e individual a cada sujeito enlutado (FRANCO, 2021).

A temática da finitude é largamente discutida dentro da fase do envelhecimento humano, uma vez que o avanço temporal é expressado na velhice por diferentes tipos de perdas, sejam elas físicas, cognitivas e até mesmo de cunho socioeconômico. Tais modificações na vida do sujeito idoso podem tornar o processo do luto ainda mais complexo de ser enfrentado e ajustado, trazendo como questão de relevância as possibilidades de idosos desenvolverem questões de saúde mental. Barral e Franco (2021) afirmam que os diagnósticos de ansiedade, transtorno depressivo maior e luto complicado aparecem em até 20% dos idosos enlutados no Brasil, dado que explicita o fator de gravidade de um luto mal elaborado nessa idade.

Diante de um cenário atual que demonstra um crescimento gradativo da população idosa no Brasil, tal qual divulgado pelo IBGE em 2018 sobre a tendência de envelhecimento ter se mantido durante 5 anos, chegando a 30 milhões em 2017, percebe-se a necessidade de se pensar com maior cautela acerca das vivências dessa fase do desenvolvimento humano, visto que ainda é uma parcela populacional que enfrenta estigmas sociais e preconceitos o que torna ainda mais desafiadora a administração das necessidades desse idoso perante as mudanças advindas da idade.

A Psicologia se insere nesse contexto como um dos meios de garantir os direitos de cuidados integrais dirigidos aos idosos que constam na Lei n. 8842 (BRASIL, 1994), a Política Nacional do Idoso, que reforça a política nacional voltada à promoção de autonomia, integração e efetiva participação social do idoso.

Compreendendo as particularidades do processo do luto, é possível enxergar o idoso como via de aprofundar estudos acerca da temática da viuvez nessa fase da vida, bem como da atuação psicológica nesse contexto, isto é, o idoso inserido

no cenário clínico, possibilita que a comunidade psicológica amplie conhecimentos a respeito das questões psicológicas presentes na velhice. Com foco nas perdas vivenciadas pelo sujeito idoso, pensa-se na Psicologia como uma peça de apoio no enfrentamento do luto, visto que é um processo que acarreta demandas psicológicas.

Tendo a perda de cônjuge como temática específica, é importante compreender as repercussões da viuvez na vida do sujeito, uma vez que não envolve somente o momento de tristeza pela perda e ausência do falecido, mas acarreta modificações no modo de identificação do indivíduo, bem como associa-se a dor da perda de um parceiro amoroso e companheiro, trazendo à tona questões de solidão, finitude, impotência (BOTH; ALVES; PEREIRA; TEIXEIRA, 2012).

A perda por viuvez em idosos é considerada uma vivência corriqueira, no entanto, se torna um dos desafios mais complexos encarados nesta fase, devido ao seu impacto emocional que repercute na esfera física e social da vida do sujeito (GALICIONI; LOPES; RABELO, 2012), isto significa, que esta condição insere o sujeito em uma situação especial capaz de provocar modificações em diversos âmbitos da vida, principalmente em transitar para um novo papel social, onde a presença do companheiro não mais se associa a sua identidade já solidificada.

Esta pesquisa fundamentou-se na análise das cenas do filme *UP-Altas Aventuras*, uma produção de 2009 dos Estúdios Disney em parceria com a Pixar, escrito e dirigido por Peter Docter e Bob Pertenson. O filme ilustra a vida de Carl Fredricksen desde sua infância ao lado de Ellie, passando pelo estabelecimento do vínculo amoroso e conjugal entre eles, até o falecimento de Ellie e suas repercussões na vida de Carl.

Diante do exposto, o questionamento que norteou o presente estudo configura-se da seguinte forma: analisando o caso retratado no filme *UP-Altas Aventuras*, quais as implicações da perda do cônjuge na vida dos idosos? E quais as possibilidades psicoterapêuticas nesse contexto?

Julga-se a relevância desta pesquisa enquanto meio de compreender o processo de vivência do luto na vida do idosos, quais as repercussões do impacto de tornar-se viúvo nesta fase da vida, e como a Psicologia, pode atuar juntamente aos indivíduos nessa fase da vida, a fim de debater intervenções psicoterápicas possíveis. No âmbito científico e acadêmico, esse estudo apoia a disseminação de discussões acerca dessa temática, a fim de dar mais foco à velhice, bem como atribui

conhecimentos relevantes acerca do processo de envelhecimento, do luto e da atuação psicológica neste cenário.

A pesquisa traz como objetivo geral a análise das implicações da viuvez na velhice, através da análise do filme *UP-Altas Aventuras*. Como objetivos específicos têm-se: compreender como o luto pode impactar os diferentes âmbitos da vida do idoso; identificar a vivência e repercussão da viuvez na velhice por meio do filme “*Up-Altas Aventuras*”; descrever as possibilidades psicoterapêuticas com idosos enlutados.

Para o desenvolvimento deste estudo e alcance dos objetivos foi utilizada a abordagem qualitativa, através da pesquisa bibliográfica utilizando-se dos registros disponíveis, como livros, artigos e teses, bem como da análise fílmica para compreender o processo de envelhecimento, a vivência da viuvez e como isso influencia o personagem que caracteriza a população idosa atual. Deste modo, o estudo constituiu-se em duas etapas principais, a análise das cenas do filme *UP-Altas Aventuras* e a revisão bibliográfica.

O capítulo dois encarregou-se de trazer conceituações sobre a velhice, relatando os aspectos sociais e históricos que envolvem as diferentes concepções acerca dessa fase da vida e descrevendo o processo de envelhecimento em seus diferentes contextos; o terceiro capítulo expôs aproximações acerca da perda do vínculo conjugal e seus impactos na vida do idoso, partindo do conceito de conjugalidade e explicitando o processo até o momento da viuvez, apresentando, por fim, a percepção da morte e do luto na velhice; o capítulo quatro, por sua vez, analisa as possibilidades de atuação da Psicologia no que diz respeito ao trabalho focado na velhice, trazendo o cenário do luto como problemática central.

O capítulo cinco especificou os resultados e discussões, onde, através do filme *UP-Altas Aventuras* exemplificou os pontos relatados nos capítulos anteriores, tais como a conjugalidade, o apego, a viuvez, o processo de envelhecimento e a superação do personagem. O sexto capítulo trouxe as considerações finais acerca da pesquisa, relacionando os resultados obtidos e os objetivos delineados.

2 A VELHICE

O aumento da expectativa de vida nos últimos anos expõe uma sociedade em contínuo crescimento populacional de idosos, tal fato associa-se a uma demanda mais expressiva de atenção às pessoas em processo de envelhecimento. Esse foco, de caráter multiprofissional, exige um maior entendimento acerca das conceituações da temática da velhice, bem como do processo do envelhecimento e das teorias e concepções que permeiam essa fase ao longo da história. O presente capítulo encarrega-se de esclarecer tais questões.

2.1 O processo de envelhecimento

O envelhecimento refere-se a um processo existente desde a concepção até a morte, que se constitui de modificações de cunho biológico, psicológico e social. De acordo com Dawalibi *et. al* (2013), o envelhecimento pode ser conceituado como um processo multifacetado, o que expõe sua complexidade, visto que se expressa de maneiras distintas para cada indivíduo, sendo dinâmico e gradativo, bem como se manifesta em diferentes âmbitos.

Papáleo Netto (1996) coloca que, historicamente, a conceituação de envelhecimento restringiu-se a uma visão biológica que reduzia o sujeito em processo de envelhecer como alguém incapaz de manter o equilíbrio homeostático e, por consequência, alguém sobrecarregado e vulnerável a patologias e à morte. Contudo, Rodrigues e Soares (2006) afirmam que não se trata somente de um momento da vida do sujeito, mas sim de uma temática de caráter progressivo que envolve aspectos culturais, políticos e econômicos que influenciam na visão social e no entendimento do que é o processo de envelhecimento.

No que diz respeito ao envelhecimento biológico, são percebidas alterações estruturais e funcionais do corpo. O processo de maturação do organismo é inerente ao ser humano, além de constantemente ativo e irreversível. Existem teorias que buscam compreender as causas que levam ao envelhecimento do corpo, Fries e Pereira (2011) apontam algumas dessas teorias, a exemplo tem-se a Teoria Genética que aponta que o genoma do indivíduo programa alterações bioquímicas que resultam em seu envelhecimento, logo cada ser vivo teria sua expectativa de vida

já estipulada pelo seu padrão genético, ademais, é válido ressaltar que essa teoria ainda se encontra em processo de pesquisa.

Há a Teoria do Uso e Desgaste que defende que o envelhecimento resulte das variadas agressões do ambiente no organismo humano, diminuindo sua capacidade de conseguir se restaurar completamente. São lesões, infecções, inflamações e doenças que alteram a estrutura celular e os órgãos levando ao envelhecimento do corpo.

Por fim, há uma teoria considerada mais promissora e plausível dentre os estudiosos na tentativa de justificar o envelhecimento, a Teoria dos Radicais Livres, que seriam moléculas instáveis que causam danos a biomoléculas do organismo a fim de alcançar uma estabilidade. A atenção voltada a essa teoria é justificada pela sua relação com o metabolismo do organismo e com algumas doenças relacionadas com o processo de envelhecimento.

Apesar dos estudos em busca de explicação causal, o processo de envelhecimento é intrínseco e multifatorial, além das questões físicas envolvidas, as alterações psicológicas são de extrema relevância para compreensão do processo. O envelhecimento psicológico advém de uma relação entre a idade cronológica e as capacidades psicológicas adquiridas e mantidas ao longo da vivência do sujeito (NERI, 2005 *apud* SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008), a capacidade de manutenção e adaptação torna-se uma necessidade desafiadora nesse processo, onde as modificações ocorridas na vida cotidiana há tanto solidificada acarretam impactos psicológicos que demandam atenção.

A Teoria das Tarefas de Evolutivas proposta por Havighurst (1951) é uma teoria psicológica do envelhecimento que faz referência ao paradigma do ciclo de vida, isto é, a autora defende que fases sucessivas compõem o curso de vida, são elas a infância, adolescência, adultez e a maturidade tardia. Nesta última, que corresponde à fase da velhice, crê-se que as tarefas a serem desenvolvidas pelo sujeito se diferenciam das demais fases, tendo um caráter mais preventivo e de ajustamento a uma nova realidade, desse modo

Tais aspectos vão possibilitar ao indivíduo aprender novas formas de viver – muitas vezes sendo necessário desaprender as formas antigas –, ajustar-se a eventos típicos desse período e lidar melhor com as limitações encontradas, que se tornam evidentes, sobretudo nas esferas física, mental e econômica. (FREITAS *et al* 2013, p.811)

Em contraste com essa concepção do desenvolvimento, Baltes (1987) traz uma nova perspectiva, a Teoria *Lifespan* que considera variáveis individuais e sócio históricas como influências no processo de envelhecimento do sujeito. O paradigma *lifespan*

compreende o desenvolvimento como processo contínuo, multidimensional e multidirecional de mudanças orquestrados por influências genético-biológicas e sócio-culturais, de natureza normativa e não normativa, marcado por ganhos e perdas concorrentes e por interatividade entre o indivíduo e a cultura (NERI, 2006, p.19)

Deste modo, o autor esclarece que o processo de desenvolvimento psicológico está presente em toda a vida, considerando possível a aquisição, manutenção e o aperfeiçoamento de habilidades e comportamentos em qualquer período. Em referência a indivíduos mais longevos, fica esclarecida a necessidade de estímulos cognitivos e culturais para que as influências atendam às necessidades de desenvolvimento psíquico mesmo nesta fase onde o equilíbrio de ganhos e perdas é afetado.

No tocante às modificações sociais advindas do processo de envelhecer, é percebida a necessidade de reajuste do sujeito às alterações relacionais que ocorrem ao longo da vida. A modificação dos contextos em que se insere, tais como empregos, constituição da família, perdas e novos vínculos formados, tende a afetar o sujeito por toda a vida, portanto, a necessidade de adaptação às novas configurações de suas relações e cenários aponta uma outra maneira de compreender o processo de envelhecimento.

As teorias sociais do envelhecimento visam compreender o processo através das relações da pessoa com a sociedade. A Teoria do Desengajamento, formulada por Cumming e Henry em 1961, tentou, de maneira compreensiva e multidisciplinar, identificar as influências das relações do indivíduo com a sociedade no processo de envelhecimento (DOLL *et al*, 2007). Esta teorização defende que a ideia de desengajamento é mútua e irreversível dentro do curso do envelhecimento, isto significa dizer que, a progressão do envelhecer no indivíduo resulta na diminuição de seus interesses e interações com aqueles pertencentes à sua configuração social.

As alterações sociais modificam em quantidade e as que permanecem alteram sua qualidade, podendo se tornar mais intensas dentro do processo. Aliado a isso, considera-se uma concepção mais contemporânea acerca das modificações relacionais ao longo da vida, em virtude da modernização dos estilos de vida atuais,

percebe-se uma probabilidade de exclusão do sujeito idoso em uma sociedade moderna em decorrência do desconhecimento às novas tecnologias. De acordo com Cowgill (1972), a modernização se entrelaça a diversos âmbitos dentro do sistema social, desde os valores, a família, as políticas e economia, até a educação e religião. O foco dessa perspectiva é exibir a imagem do idoso dentro das modificações sociais de modernização, visando um caráter explicativo de como pode afetar o status social desse sujeito.

O detalhamento dessas teorias demonstra os diferentes ângulos em que se inserem os estudos acerca do envelhecimento humano. Sendo um processo, que notadamente, atua de maneira complexa e profunda, o envelhecimento se instaura de maneiras distintas nas esferas da vida. A variabilidade dessas perspectivas revela a relevância da interpretação das variáveis envolvidas nesse processo, visto que há uma expressividade no que diz respeito ao envelhecimento populacional em muitos lugares.

Considerando o envelhecimento em uma dimensão global, compreende-se o envelhecimento populacional como uma ocorrência real que vem se tornando significativa devido a uma série de fatores como as inovações da medicina que diminuem as taxas de mortalidade, o aumento do número de divórcios ou mulheres cada vez mais presentes no mercado de trabalho que podem diminuir as taxas de natalidade, causas que levam a um aumento da expectativa de vida em muitos países. O envelhecimento demográfico traz efeitos sociais que implicam em maiores demandas à saúde voltada para os idosos – menos pessoas ativas no mercado de trabalho devido ao aumento de aposentados – fazendo com o que as esferas sociais busquem meios de adaptação a essa nova realidade que vem se instaurando.

2.2 Construção sócio-histórica da velhice

O curso do envelhecimento vê-se ainda mais evidente na fase da velhice, uma vez que é compreendida como a última fase do ciclo vital, não sendo mais um processo e sim um estado que tipifica o indivíduo idoso (SANTOS, 2010). Sendo a fase resultante do desenvolvimento humano, a velhice, associada aos iniciais estudos sobre envelhecimento, foi compreendida como um estágio da vida caracterizado pelo declínio do organismo e ausência de papéis sociais (DEBERT, 1999), concepção

ainda mais fortemente reforçada pelos ideais capitalistas que desvalorizam a velhice diante da necessidade de explorar a força de trabalho.

As modificações conceituais da velhice advêm de uma construção sócio-histórica que envolve diferentes perspectivas acerca da velhice enquanto categoria etária. Desde os mais remotos tempos percebe-se a busca do homem pela felicidade associada, muitas das vezes, a uma juventude eterna, uma vez que em muitas civilizações antigas o ser valorizado era o ser belo, viril, jovem e forte. Tal concepção, no entanto, se modificava em outras localidades, por exemplo, nas sociedades orientais a velhice é concebida como objeto de adoração e idosos como detentores do saber e figuras de referência para os mais jovens (ARAÚJO; CARVALHO, 2004).

Beauvoir (1990) destaca em sua obra “*A Velhice*” algumas dessas etapas históricas acerca das crenças envolvendo a velhice. Nos livros bíblicos, os povos judeus, encaravam o velho como abençoados e merecedores de respeito, em contrapartida, relata que os poetas da Grécia Antiga, enfatizavam em suas obras a velhice enquanto período de perdas dos prazeres e orgânicas, sendo até equiparada a algo pior que a morte.

Outro exemplo da discordância da visão do ser velho são as concepções de Platão e Aristóteles, onde o primeiro associava a velhice à sabedoria e expressão de felicidade, onde as perdas orgânicas não invalidavam o velho e este se tornava o mais capacitado para comando da *Polis*. Já para Aristóteles, as mudanças físicas afetavam também a alma do indivíduo, logo, este velho não deveria ocupar a direção da *Polis* (BORGES, 2007).

Esclarecidas as divergências históricas acerca dos conceitos para velhice, aprofundam-se os estudos acerca do envelhecimento humano, que levam pensadores como Bacon, Descartes e Benjamim Franklin a desenvolverem seus estudos sobre o tema visando estabelecer, cientificamente, métodos para combater as modificações advindas da velhice (ARAÚJO; CARVALHO, 2004). É a partir dessa perspectiva que muitos ainda enxergam a velhice e o velho como sinônimos de adoecimento e algo a ser evitado e combatido, tornando a exclusão destes bastante recorrente.

As estereotipias existentes acerca da velhice, vinculam o termo a uma imagem do sujeito envolto de perdas e prejuízos, reduzindo-o a uma ideia negativa, entretanto, sem negar a realidade das modificações vivenciadas por idosos e fazendo referência aos pensamentos de Beauvoir (1970), a velhice encara a desumanização

social que acolhe o sujeito enquanto é tido como útil, mas o descarta na crença de uma incapacidade de ser autônomo e produtivo dentro da sociedade.

Esta concepção ainda se vê consolidada em tempos mais recentes, onde o saber médico se aperfeiçoa e passa a ver a velhice como uma etapa da vida, no entanto, com uma visão negativa, que identifica a velhice como doença e decadência do ser. A compreensão médica acerca da velhice teve forte influência na visão social acerca desta, interferindo ainda na subjetividade do sujeito velho, nos mais diversos campos do conhecimento e, também, na formulação das políticas públicas voltadas para assistências aos idosos (SILVA, 2008).

A construção do conceito de velhice, portanto, atravessou diferentes concepções, além de ser considerada como um dos níveis do ciclo vital, como anteriormente mencionado, há contribuições que se fundamentam através da idade cronológica, tendo como exemplo a Organização Mundial da Saúde (OMS) que define tal fase a partir dos 65 anos. Em paralelo, há autores que caracterizam a velhice como uma vivência de caráter subjetivo que se relaciona com as perdas advindas de questões biológicas, psicológicas, sociais e culturais (DARDENGO; MAFRA, 2018).

A autora traz considerações e críticas importantes acerca dessa conceituação, principalmente por, inicialmente, não ser considerada a integralidade do indivíduo, destacando que a definição de velhice envolve aspectos complexos da existência subjetiva. Como trazido por Dardengo e Mafra (2018, p.16) em análise à obra de Beauvoir

[...] pode-se afirmar que o conceito de velhice é uma construção social complexa, indiretamente ligada ao tempo cronológico de vida e/ou às alterações físicas e psicológicas pelas quais os indivíduos adquirem ao longo de toda a sua existência. Além de ser uma construção social, uma produção histórica, assim como os outros tempos da vida, como infância e adolescência, o significado de velhice varia conforme cada sociedade e em cada tempo histórico.

A velhice compreende-se então como categoria social e etária para assim se alcançar um ordenamento social, de acordo com Debert (1999 *apud* SILVA, 2008) as décadas de 60 e 70 são marcadas por essa concepção, onde a velhice ganha visibilidade dentro da sociedade, devido ao aumento da população idosa nesse período, o que se torna um problema coletivo advindo das mudanças sociais e econômicas trazidas pelo aumento de aposentadorias e menos velhos em atividades laborais.

É nesse mesmo contexto em que tenta se fazer real uma sensibilidade maior com a população de velhos e cria-se assim o termo “terceira idade”, no entanto, como trazido por Vieira e Maciel (2020) em seu artigo que analisa o surgimento dessa terminologia, fica esclarecido que o aumento populacional foi causa suficiente para se formular políticas sociais voltadas para a velhice, desse modo, tornou-se necessário modificar a imagem do velho para dar prestígios a esse grande número de aposentados, além de tentar expressar um envelhecimento mais ativo a partir desse termo.

Diante disso, as autoras trazem reflexões acerca da influência do capitalismo na criação dessa nova identidade para associar ao idoso, que tenta amenizar as associações preconceituosas feitas e criar uma nova roupagem que busca estimular a inserção dessa parcela populacional em outros âmbitos de consumo, como por exemplo lazer voltado para esse público, fazendo com que assuma a posição de consumidor e negue a sua velhice como algo a ser evitado e rejeitado.

2.3 Quem é o idoso?

O processo de envelhecimento resulta na pessoa idosa, ativamente inserida na fase da velhice, a imagem deste idoso na atualidade varia nos mais diversos contextos, a partir disso, pensa-se na definição do que é ser idoso. Do ponto de vista legal, são inseridos na categoria de idoso, os indivíduos com 60 anos ou mais, fica esclarecido, a predominância de uma concepção de idade cronológica para determinar tal conceituação.

Contudo, a idade pode ser interpretada sobre três perspectivas que tratam-se de critérios para definir o idoso. De acordo com Costa (2013) há a idade biológica que diz respeito às alterações estruturais e funcionais do corpo, a idade psicológica que associa a idade cronológica e as capacidades psicológicas do indivíduo e, por fim, a idade social que corresponde aos papéis, hábitos e comportamentos esperados pelo sujeito idoso dentro de uma sociedade.

A conceituação do sujeito idoso, focalizada no aspecto cronológico, se mostra fundamental na organização da sociedade (DEBERT, 1999), o que fica esclarecido através das políticas públicas criadas em prol do público idoso, bem como

das modificações socioeconômicas, principalmente focalizadas nos papéis a serem atuados pelo idoso em sociedade. Há, no entanto, uma abertura à exclusão desse idoso, visto que essa organização limita suas ações enquanto ser social, baseando-se apenas nas dificuldades advindas do envelhecimento e priorizando o jovem em detrimento do idoso.

Esta concepção tende a reduzir o idoso e todo o complexo processo do envelhecimento humano às modificações no âmbito físico que se associam à ideia de inutilidade pela ausência de força e produtividade, tal qual posto por Rodrigues e Soares (2006, p.8)

No imaginário social o velho está diretamente associado à estagnação e perdas que levam à ruptura e ao isolamento; inflexibilidade decorrente de apego a valores ultrapassados e cristalizados que também levam ao isolamento social; imagem negativa do aposentado, significando um final de vida, falta de capacidade pessoal e a exclusão da rede produtiva; pessoa que necessita de cuidados, sem força, sem vontade, sem vida, doente, incapacitado e que por todos esses motivos fez opção pela passividade.

Apesar de universal, o processo da velhice é vivenciado de maneira distinta por cada indivíduo, diante das imposições sociais acerca dos papéis que se espera do velho, este tem a oportunidade de interpretar e adaptar-se à sua maneira. Porém, essa construção de identidade e meios de adaptação à velhice é atravessado pela exclusão e preconceito presente socialmente, visto que, quando não são considerados inúteis, inferiores, ranzinzas e improdutivos, são submetidos a imagem de um ser sereno, passivo e até mesmo infantilizado, interferindo muitas vezes na sua autonomia.

A capacidade decisória do sujeito velho é, em grande parte, menosprezada, o que reforça a concepção de incapacidade associada a ele. Este fato afeta a independência do idoso, desestimula sua autodeterminação, bem como sua capacidade relacional e autonomia. O Estatuto do Idoso aborda essa temática na Lei n.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003 que institui que é direito do idoso a preservação de sua autonomia, seus valores e crenças (BRASIL, 2003, Art.10), por consequência, estimula sua independência e participação social.

A garantia de direitos ao idoso exerce certa influência na transformação do olhar social acerca deste, visto que passa a ser um indivíduo com direitos a serem assegurados. Esta realidade, apesar de ainda muito afetada por anos de estereótipos solidificados e disseminados socialmente, pode modificar, considerando que

O Brasil não é mais um país de jovens, mas sim um país que está envelhecendo [...] estima-se que a maior valorização do idoso possa se concretizar em um futuro próximo, no qual a tendência seria rever os estereótipos associados à velhice. A visão do envelhecimento como sinônimo de doença e perdas evoluiria para a concepção de que esta fase do ciclo vital é um momento propício para novas conquistas e para a continuidade do desenvolvimento e produção social, cognitiva e cultural. As experiências e os saberes acumulados ao longo da vida seriam vistos como ganhos que podem ser otimizados e utilizados em prol do próprio indivíduo e da sociedade (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p.592).

A modificação dessa concepção se torna amplamente relevante para que a sociedade também se adapte ao fenômeno do envelhecimento demográfico, notadamente em vigor ao longo dos últimos anos. Além disso, essa representação coletiva do ser velho na sociedade atual, eleva o sujeito idoso à possibilidade de modificar seus padrões de vivência, introduzindo atividades de lazer, educação e socialização que se projetam a um envelhecimento ativo dentro das possibilidades e vontades do velho.

3 DA UNIÃO À PERDA

O ser humano, em toda sua história, demonstra a necessidade de viver em sociedade, de vincular-se a outras pessoas para que suas necessidades sejam supridas. É o que fica esclarecido pelas ideias de Aristóteles (384-322 a.C.), principalmente em sua obra “Política”, quando afirma que o homem é, por natureza, um animal político, apoiado nessa ideia, compreende-se que a sociabilidade é essencial ao homem, mostrando-se necessária a criação de vínculos sociais. A partir dessa concepção apreende-se a importância dada aos múltiplos tipos de relações que se constroem ao longo da história do indivíduo, sendo a família uma das primeiras sociedades em que se insere.

A noção de família é muito disseminada, visto que é “a forma mais natural, espontânea e antiga de vida social” (GUSMÃO, 1995 *apud* SILVA, 2005, n.p.). Esta tendência do homem de conviver e se estabilizar com seus semelhantes está presente desde os mais primitivos povos, tal demanda de vinculação resultou na construção de núcleos familiares que foram se modificando ao longo da existência humana. Uma das conceituações mais difundidas advém da religião, que define a família como a união de indivíduos que partilham de crenças e valores semelhantes e possuem responsabilidades e papéis definidos, tal união se origina pelo matrimônio.

A compreensão da sociedade conjugal advém da percepção de uma troca mútua entre as partes que a constituem envolvendo questões de convívio e deveres entre os cônjuges, por isso, de acordo com Campos, Scorsolini-Comin e Santos

O casamento é um fenômeno histórico cuja permanência, em larga medida, é determinada por ser um mecanismo regulador e mantenedor da ordem social, da transmissão do patrimônio, dos valores morais e religiosos e das disposições afetivas. (2017, p.71)

A união do casamento, em seu desenvolvimento inicial, carregava consigo um caráter de acordo entre famílias, que visava lucros e a garantia da perpetuação do nome familiar através da reprodução. A percepção da relação conjugal, no entanto, se modifica ao longo do tempo e passa a considerar, em determinado momento, o amor como condição fundamental para a ocorrência e manutenção da relação. Sendo esta uma concepção relativamente recente, o amor enquanto requisito para o casamento ocorre, em sua maioria, em países ocidentais e surge como uma intenção

de vida mais satisfatória e realizada (ALMEIDA, 2007), pondo em foco também a preocupação de projetar futuro e envelhecimento em casal.

O caráter amoroso da relação conjugal é embasado pela vinculação desenvolvida pelas partes do casal, este aspecto leva em consideração o apego estabelecido por ambos que influenciará desde a escolha do parceiro até o estilo de manutenção desta relação ao longo do tempo. A Teoria do Apego de John Bowlby (1907-1991), médico psiquiatra e psicanalista britânico, traz contemplações acerca desta vinculação, que de acordo com o autor, tem início desde a infância.

A premissa fundamental que sustenta sua teoria baseia-se na concepção de que os seres humanos apresentam uma inclinação natural primária para construir vínculos afetivos, [...] enfatiza-se a relação construída com o primeiro cuidador, tendo em vista que os significados atribuídos a ela, ao longo do tempo, tornam-se a referência sobre a qual os vínculos futuros serão desenvolvidos. (BECKER, 2020, p.55)

Dentro desse pensamento, acredita-se que o apego surge como meio de adaptar-se ao ambiente, tal vínculo se constitui por comportamentos de apego que foram reforçados de maneira positiva ao longo do desenvolvimento do indivíduo, uma vez que é compreendida como via de proteção e sobrevivência do sujeito (BECKER, 2020) além disso, influencia na construção da identidade do sujeito e em suas futuras relações interpessoais.

Na fase adulta, é possível relacionar o apego e o vínculo conjugal devido a esta busca por proximidade que também faz parte do amor romântico presente no casamento, o sujeito nessa idade busca por relações que tenham potencial de oferecer segurança, cuidado e afeto, aspectos que são almejados em um casamento nos relacionamentos atuais.

As formas de vinculação na vida adulta envolvem os diferentes âmbitos em que o sujeito se insere, no entanto, os laços familiares trazem de forma mais expressiva o caráter de pertencimento, fator que influencia significativamente a construção da subjetividade do indivíduo. Em contrapartida é necessário compreender o vínculo como algo dinâmico que sofre alterações em seu funcionamento de acordo com as circunstâncias e participação dos sujeitos envolvidos, logo, focalizando a vinculação matrimonial, é possível que a qualidade de tal relação se modifique ao longo de sua duração, influenciando no exercício dos papéis específicos das partes, bem como na identidade destes sujeitos (PAVELKA, 2009).

Sob uma ótica distinta, Dias e Alves (2020) discutem sobre o matrimônio enquanto meio de evitar a solidão. Considerando as repercussões, principalmente psicológicas, atreladas ao estar sozinho, é possível considerar a busca por um parceiro a fim de esquivar-se do isolamento. Perceber-se sozinho traz um sentimento de desamparo que torna essa busca por companhia um objetivo a ser alcançado e deseja que, através da presença do outro, tal sentimento seja sanado ou substituído pela sensação de segurança.

Já para a Psicologia Positiva, abordagem que evidencia os aspectos positivos do indivíduo, compreende a vivência matrimonial como promotora de bem-estar, no que diz respeito ao aumento da autoestima e suporte. Este caráter potencializador atribuído ao casamento direciona o indivíduo ao fortalecimento de suas relações interpessoais e manifestação de emoções positivas e bem-estar (CAMPOS; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2017).

Diante das diferentes concepções, a conjugalidade, em suas variadas etapas e desafios, se desenvolve de modo a implicar mudanças na individualidade do sujeito. Nesse sentido, a qualidade do vínculo conjugal, as vivências ao longo do tempo e as conquistas do casal serão fatores determinantes no enfrentamento de perdas dentro dessa relação.

Sendo assim, diante da percepção do vínculo intenso de afetividade que pode se construir dentro do casamento, é possível afirmar que a ruptura de tal união diante da morte de um dos cônjuges traz impactos negativos na qualidade de vida do sujeito, tanto no âmbito emocional, quanto psíquico e social. Como afirmado por Oliveira e Lopes

[...] ao sofrer a perda de uma pessoa, a grande maioria experencia também dificuldades em elaborar o luto, vivenciando sentimentos e sensações negativas que podem desencadear uma série de complicações direta e/ou indiretamente na vida do enlutado como, por exemplo, despertar sentimentos como: tristeza e angústia, e, que podem afetar os aspectos da saúde psíquica do sujeito no momento em que a pessoa enlutada se depara com a realidade, ou seja, que a pessoa amada já não se encontra mais consigo (2008, *apud* BARROS; SOUZA; FITARONI, 2018, p. 9).

A condição de viuvez insere o sujeito em uma situação especial capaz de provocar modificações em diversos âmbitos da vida, principalmente em transitar para um novo papel social, onde a presença do companheiro não mais se associa a sua identidade já solidificada. Sendo assim, a independência do enlutado se mostra desamparada pela ausência, tornando necessário que, através de reajustamentos na

rotina e novos aprendizados, sua autonomia se restabeleça nesse novo cenário de vida, uma vez que “a não realização das adaptações necessárias limitarão a funcionalidade e a independência do enlutado” (AMORIM, 2011, p. 9).

A perda de cônjuge, portanto, atribui ao indivíduo uma nova identidade, isto é, o sujeito enlutado pela morte do companheiro, assume o papel de viúvo. Em síntese, uma nova atribuição à subjetividade traz consigo alterações desconhecidas que manifestam uma experiência de sentir a ausência junto à privação de uma relação anteriormente existente. Ao descrever os efeitos da perda e das reações emocionais características do luto na viuvez, Marris (1958 *apud* FRANCO, 2000, p.51) afirma que

[...] esses aspectos podem prejudicar o ajustamento social, nesses efeitos estão presentes apatia, afastamento, indiferença e depressão que são complicadores no processo de recuperação. [...] concluiu que o ajustamento à viuvez está em estabelecer uma condição de independência, sem o conflito entre o desejo de voltar ao tempo anterior à morte e de chegar a um estado mental onde o passado tenha sido esquecido.

Tal ajustamento se apresenta ainda mais desafiador em idades avançadas, uma vez que a temática da morte envolve muito receio, ainda mais significativamente ao atrelar-se à fase de envelhecimento, visto que esta fase da vida propicia ao sujeito diversas indagações acerca do seu futuro e dos demais à sua volta. Além das restrições que acompanham o processo de envelhecimento, tais como a aposentadoria, a saída dos filhos de casa e a diminuição dos grupos de convívio, o idoso enfrenta a perda do cônjuge com maior recorrência comparada a outras fases da vida.

A vivência do luto na velhice, diante de diferentes variáveis e contextos que podem intensificá-la, exige maior compreensão acerca dos aspectos envolvidos. Considerando as especificidades dessa experiência para cada indivíduo, revela-se a importância de compreender como esse processo se dá na vida do idoso e quais suas dimensões e possíveis complicações, tendo a senescência como ponto focal.

3.1 Percepção do luto na velhice

A finitude é uma certeza da vida humana, no entanto, a temática da morte ainda é permeada por muitos receios e tabus ao ser abordada. A inquietação que envolve tal assunto pode associar-se também à intensidade dada a dor da perda de

alguém próximo, ou seja, ao luto em relação ao rompimento de laços afetivos estabelecidos. Essa ruptura pode acarretar em repercussões significativas na vida do sujeito, tanto em relação à saúde mental quanto física.

Socialmente, a morte e o envelhecimento são vistos como perdas significativas, seja do organismo ou de um ente querido. É na velhice que o tema da morte se faz ainda mais discutido, uma vez que é considerado um evento normal que marca o final do ciclo da vida (BOTH *et al*, 2012). Entrar em contato com a nova realidade após a perda torna a vivência do luto um processo de etapas dolorosas que podem se alterar de acordo com as individualidades e experiências de cada sujeito.

Em seus estudos centrados na pessoa, Kübler-Ross (1969), definiu cinco estágios do processo de luto, os quais seriam fases de reação após o conhecimento da perda: negação, onde o indivíduo tende a resistir e isolar-se para não acessar a nova realidade; a raiva, onde o fato não é mais negado, porém causa revolta e frustração; a barganha, que associa-se, em sua maioria, à pessoas em situação de doença que buscam, através de promessas e comportamentos, negociar sua cura e melhora; a depressão, onde o indivíduo entrega-se à realidade e encara isso com profunda tristeza e sem perspectivas; e a aceitação, onde o sujeito compreende a vivência de forma realista e tende a aceitar o contexto em que se insere.

Há uma crítica em volta dessa teoria, pois deixa de considerar o sujeito em suas particularidades e reduz o processo a etapas padronizadas e generalizantes. No entanto, os estudos acerca dessas fases são importantes para a compreensão das concepções sobre o luto, sendo uma possibilidade de entender tal processo, assim como existem outras teorias que tentam explicar o luto e suas implicações.

O enfrentamento do luto e as reações compreendidas no processo foram explicadas por Stroebe e Schut (1999) através do Processo Dual do Luto, que defende que o enlutado oscila entre duas orientações psicológicas, são elas: o enfrentamento orientado à perda, onde o sujeito vive a tristeza e o pesar da perda e o orientado à restauração, onde este focaliza em vivências das atividades diárias e relacionais. Considerado como um modelo dinâmico, Parkes (2009 *apud* GONZAGA; PERES, 2012, p.12) enfatiza a importância dessa oscilação

[...] o enlutado percebe que muito do passado continua a ser importante para a vivência do presente e o planejamento do futuro, de modo que, para além do rompimento concreto do vínculo, é possível mantê-lo simbolicamente. Em contrapartida, surgirão dificuldades caso o enfrentamento orientado à perda ou o enfrentamento orientado à restauração venham a ser utilizados de

maneira exacerbada. Afinal, o indivíduo que não abre mão da busca da pessoa perdida tende a sofrer os efeitos de um luto crônico, ao passo que aquele que evita o pesar e se engaja excessivamente na reorganização da vida se coloca em situação de risco para o desenvolvimento de um luto inibido.

A partir destes conceitos, fica esclarecida a existência de muitos estressores que envolvem o processo de luto. Além disso, alguns determinantes influenciam na forma de enfrentamento da perda, Bowlby (2004) traz que tal processo se encontra influenciado por características do próprio enlutado como sua personalidade, sexo ou idade, bem como a causa da morte e o papel do falecido na vida desse sujeito. A qualidade desse apego e a vulnerabilidade do enlutado podem interferir na elaboração do luto.

Silva e Ferreira-Alves (2012) detalham em sua pesquisa um pouco mais sobre variáveis individuais e contextuais que influenciam no enfrentamento da perda. Inicialmente, a qualidade da relação conjugal na velhice é trazida como um ponto de grande relevância, uma vez que é comum que as relações interpessoais se limitem e diminuam ao longo da vida e o sujeito velho se restrinja à relação próxima somente com o cônjuge. Os autores destacam ainda, o nível de conflito e dependência instrumental dos cônjuges como fatores de forte influência na qualidade do vínculo.

Seguindo esta análise, as circunstâncias da morte afetam o processo de entendimento da perda, ou seja, se a ocorrência foi abrupta e repentina, a ruptura da realidade caracteriza um fator de risco para o surgimento de um luto complicado. Em contrapartida, quando a morte já é esperada, há um processo adaptativo mais prolongado para a aceitação de uma realidade futura (SILVA; FERREIRA-ALVES, 2012).

Por fim, Silva e Ferreira-Alves (2012), debatem acerca da influência do gênero nesse cenário. Através de uma revisão de literatura, os autores concluíram que, apesar de ser um sofrimento vivenciado por ambos os gêneros, os homens apresentam uma vivência com consequências mais severas do que as mulheres. Tal fato foi apontado devido a diminuição de participação social dos viúvos em comparação às viúvas, fator este que influencia também no desenvolvimento da depressão após a perda.

Diante dessa realidade, é necessário compreender as possibilidades de se desenvolver um luto normal ou um luto complicado. Em primeira análise, o luto normal se constitui de diferentes sentimentos e comportamentos que são comuns após

determinada perda, este se caracteriza pela compreensão e aceitação da morte pelo indivíduo, facilitando a adaptação à nova condição de ausência do falecido, através da permissividade de expor sentimentos e comportamentos, não os inibindo (FRANCO; BRAZ, 2017).

Neste mesmo cenário, porém, o luto pode ser experienciado de maneira mais penosa e complicada, tornando-se obstáculo na retomada às atividades usuais. O luto complicado se caracteriza pela desorganização a longo prazo ocasionada a partir da perda. As manifestações desse processo de luto são destacadas por Worden (2013 *apud* FRANCO; BRAZ, 2017, p.94), são elas:

[...] a expressão de sentimentos intensos que persistem mesmo muito tempo após a perda; somatizações frequentes; mudanças radicais no estilo de vida que tendem ao isolamento; episódios depressivos, baixa autoestima e impulso autodestrutivo.

Conforme exposto no DSM-5 (2014), o luto complexo propõe critérios que envolvem a experiência da morte de alguém próximo e seu diagnóstico se dá somente doze meses após a perda. O enlutado deve apresentar saudade persistente do falecido, dor emocional intensa, preocupações com o falecido e com as circunstâncias da morte. Além disso, pode apresentar a dificuldade de aceitação da morte, desejo de morrer junto ao falecido, confusões de identidade e papéis após a perda, etc.

Focalizando o adulto idoso, percebe-se que as inabilidades e perdas advindas do processo de envelhecimento contribuem para a manifestação de um luto patológico, uma vez que o luto na velhice faz-se presente de maneiras distintas, desde as perdas orgânicas do indivíduo até a morte de pessoas de seu círculo de convívio, no entanto, apesar de afirmada recorrência, seu impacto na vida do sujeito idoso exige um cansativo trabalho emocional. Deve-se levar em consideração que

O idoso pode ter dificuldades para vivenciar o processo de luto por vários motivos, sendo um deles a inabilidade em falar sobre a dor relacionada à perda, pois na sociedade atual as pessoas preferem afastar-se do medo da morte, levando a um recalçamento da perda, em lugar de manifestações outrora usuais. A velhice, que normalmente é reconhecida como a fase da sabedoria e do amadurecimento, o que favoreceria melhor essa vivência, ao contrário, se apresenta como a fase de pouca disponibilidade para a elaboração da perda, ou mesmo como aquela em que faltam condições emocionais próprias e principalmente as advindas do entrosamento com o outro vivo, muito mais importantes do que as oriundas do relacionamento com o falecido (OLIVEIRA; LOPES, 2008, p.220)

Dentre tais perdas, a viuvez se mostra como uma das vivências mais normativas na velhice, uma vez que, com o aumento da expectativa de vida, tende a ocorrer cada vez mais tardiamente (SILVA; FERREIRA-ALVES, 2012). Porém, apesar de comum nessa fase da vida, seu impacto se demonstra ainda mais desafiador, pois associa-se à exigências adaptativas que sobrecarregam o processo de luto, que abrangem desde o âmbito físico até mesmo o socioeconômico.

O idoso, nesse contexto, pode enfrentar complicações que o levem a tristeza profunda e a decisão pelo isolamento e solidão. Portanto, a má elaboração de um luto na fase da velhice tem a capacidade de atingir a saúde do idoso que já se mostra fragilizada, podendo ser potencializada pelo advento de uma ansiedade exacerbada ou até mesmo da depressão, mesmo que, em sua maioria, essas complicações se deem pelos aspectos sociais e psicológicos.

4 POSSIBILIDADES PSICOTERAPÊUTICAS COM IDOSOS VIÚVOS

O rompimento de um vínculo importante em conjunto com o processo de elaboração da perda mostram grandes desafios ao sujeito inserido neste cenário, uma vez que a vivência do luto se modifica de acordo com a subjetividade de cada indivíduo, tornando esse processo único em sua experimentação e posterior enfrentamento. A partir da influência de fatores diversos e individuais, tais como a qualidade do vínculo, os prejuízos e mudanças advindos da perda, as circunstâncias da morte e a personalidade do sujeito, há a probabilidade de a adaptação à perda não seguir um processo de elaboração considerado normal.

Há fatores de risco para que tal processo seja mal elaborado e causa sofrimento intensificado e prolongado, como pontuado por Worden (2009 *apud* Leal 2012, p.16)

Os fatores de risco para o luto podem ser em relação ao vínculo (intensidade do vínculo, ambivalência e dependência afetiva); indicadores afetivos (raiva, culpa, incapacidade de expressar emoções); indicadores de vulnerabilidade psíquica (antecedentes psicopatológicos e lutos anteriores recentes ou ainda não resolvidos); indicadores contextuais relativos ao processo da doença do familiar perdido (demora do diagnóstico, progressão rápida da doença, conhecimento do prognóstico pelo familiar, duração dos cuidados, sintomas sem controle durante todo o processo e sintomas sem controle nos últimos dias de vida); e, indicadores contextuais familiares (problemas económicos, presença de crianças e falta de apoio familiar).

O autor também contribui trazendo esclarecimentos sobre fatores protetores que tornam a vivência do luto menos dolorosa, dentre eles são citados a capacidade de autocuidado, a adaptação à nova realidade através da planificação de atividades, a possibilidade de comunicação e de sentir emoções livremente, além da confiança na superação e processo de enfrentamento.

É a partir destas possíveis contingências que se compreende a assistência psicológica como meio facilitador do processo de luto.

A Psicologia dispõe de diferentes abordagens que se propõem e se envolvem na temática do luto a fim de ofertar métodos para sua plena elaboração, a partir disso, pensa-se na Terapia do Luto como meio de ajudar o sujeito enlutado a lidar com o sofrimento da perda, auxiliando a percepção da morte enquanto parte da vida e buscando a resignificação da vida diante da ausência do outro (Parkes, 1998).

Dentro deste processo distinguem-se o aconselhamento psicológico e a psicoterapia, de acordo com Worden (2013) tal distinção se dá, pois, o

aconselhamento envolve a facilitação de um luto não complicado a fim de alcançar uma readaptação saudável às atividades, tendo um caráter preventivo e sendo realizado com maior foco no presente e em uma duração mais breve. Enquanto isso, a psicoterapia focaliza o tratamento às pessoas que apresentaram reações de luto anormais, sendo um processo mais duradouro a fim de reverter o quadro de não conclusão das tarefas do luto. Diante do exposto, há um debate acerca da eficácia do aconselhamento em situações de luto, porém, Azevedo e Siqueira sustentam que “embora diferentes em aspectos situacionais e específicos de cada um, são dois métodos que podem ser eficazes, se utilizados juntos” (2020, p.384).

O papel do psicólogo clínico, por exemplo, independente da sua base teórica, é de estudar seu paciente em todos os seus aspectos, isto é,

[...] passa por estudar profundamente e temporalmente o paciente e as suas características, capacidades e fragilidades cognitivas, sociais, emocionais e comportamentais, com o auxílio de diversos instrumentos psicológicos, de forma a promover o bem-estar e a diminuir o sofrimento e o desajustamento psicológico do paciente (NOGUEIRA, 2016, p.30)

Diante do paciente enlutado, portanto, tal atuação se baseia em oferecer um ambiente confortável e seguro para que a expressão dos sentimentos não seja dificultada, visto que a temática já exige uma delicadeza em sua abordagem. Nogueira (2016) segue seu estudo traçando e explicando os processos clínicos aplicados, inicialmente, a observação e a entrevista clínica cooperam na coleta de informações iniciais para compreender as diversas dimensões do indivíduo, iniciando assim a relação terapêutica.

Em seguida, a anamnese serve para identificar as demandas do sujeito, a fim de escolher os pontos adequados na elaboração de um plano terapêutico. Posteriormente, abre-se espaço para a aplicação de instrumentos psicológicos e realização de uma avaliação psicológica para monitorar o estado mental do paciente. Por fim, a escolha da intervenção irá se adequar aos dados coletados e as decisões tomadas pelo psicólogo, buscando identificar as fragilidades e qualidades a serem exploradas no consultório que poderão ser manifestadas no externo, visando a diminuição do sofrimento psicológico (Bennett, 2000 *apud* Nogueira, 2016).

A partir deste entendimento é possível identificar possibilidades interventivas na atuação do psicólogo clínico. O estudo de Silva, Carneiro e Zandonadi (2017), por exemplo, traz a Psicoterapia Breve como forma de contribuir com o alívio do sofrimento do enlutado, este processo se caracteriza como uma intervenção

terapêutica que possui seus objetivos e tempo de duração limitados através da compreensão diagnóstica do indivíduo e delimitação do foco terapêutico, a partir disso o terapeuta deve

[...] desempenhar um papel essencialmente ativo, se utilizando de uma ampla gama de intervenções; compreendendo a estrutura dinâmica da problemática do paciente, onde se elabora um plano terapêutico, com metas a serem atingidas em determinado tempo; para alcançar esses objetivos, ele esboça uma estratégia geral baseada na focalização, que seria manter em mente um foco a ser interpretado e no qual se baseia todo o tratamento (SILVA; CARNEIRO; ZANDONADI, 2017, p.152)

A Psicoterapia Breve, sobretudo, defende o papel do psicólogo como essencialmente ativo no processo, não deixando somente o paciente fornecer material. Quanto às mudanças alcançadas através desta dinâmica breve, os atores supracitados pontuam a amenização dos sintomas, a adaptação à nova realidade, elevação da autoestima, reconhecimento da perda e da situação psicológica em que se situa.

Em conclusão acerca desta intervenção, Kovács (2002 *apud* SILVA; CARNEIRO; ZANDONADI, 2017) salienta que a atuação em psicoterapia breve focalizada no luto exige do profissional o desenvolvimento de seu autoconhecimento e sentimentos, visto que lidar com esta temática de luto complicado envolve uma transformação biopsicossocial do sujeito até que seja reconstruída sua reorganização.

Em uma outra perspectiva, a Análise do Comportamento, caracteriza a psicoterapia como uma das modalidades da abordagem com o luto que visa o aumento de reforçadores positivos e a diminuição da aversão presente no sofrimento do cliente. Uma vez inserido no contexto clínico junto ao paciente, o terapeuta analítico-comportamental, estará em constante análise funcional dos relatos e comportamentos emitidos pelo cliente, atentando-se sempre à topografia e funcionalidade destes (NASCIMENTO *et al* 2015).

Em associação às Tarefas do Luto elaboradas por Worden (2013) com a Análise do Comportamento, Nascimento (*et al* 2015) analisa tal processo, a primeira tarefa — Aceitar a realidade da perda — normalizando os comportamentos de fuga e esquiva diante da perda devido ao seu impacto e sofrimento na vida do sujeito, logo, propõe que a aceitação necessária se consolide na no bloqueio dessas esquivas e busca associar a realidade da perda a novos reforçadores de curto e longo prazo.

Na segunda tarefa, que consiste em processar a dor do luto, sendo assim, através da oferta de uma audiência não-punitiva, o terapeuta consolida um ambiente acolhedor e confortável para a expressão dos sentimentos (comportamentos encobertos), fazendo com que a função aversiva de falar sobre a perda diminua. Na terceira tarefa, que visa o ajustamento à nova realidade, esta por sua vez, sem os reforçadores de antes, o profissional deve atentar-se às regras que o cliente está sob controle e oferecer novas possibilidades de regras mais funcionais que alterem as contingências gradativamente.

Por fim, o autor traz a última tarefa - Encontrar conexão duradoura com a pessoa morta em meio ao início de uma nova vida - e ressalta que o objetivo de tal processo terapêutico é reconhecer e aprender a viver com a ausência e não incentivar o esquecimento do falecido. Por isso, a saudade, enquanto comportamento privado, continuará a ser vivenciada, “porém o enlutado deve aprender a conviver com essa ausência e retomar a trajetória de sua vida, obter novos reforçadores e reinvestir seu repertório comportamental em novas relações” (Torres, 2010 *apud* Nascimento, 2015).

A abordagem fenomenológica-existencial traz, então, uma outra perspectiva sobre o luto e seu trabalho de elaboração dentro da prática clínica. Freitas (2013) reflete sobre a evitação do ser humano de lidar com questões existenciais, tais como a transitoriedade da vida e a finitude do ser, a existência de tabu em torno da temática da morte torna o processo ainda mais angustiante visto que não é debatido com tanta clareza e informações em sociedade. O sujeito insere-se em diferentes relações e o sentido de sua existência se associa ao que ele é e pode ser a alguém em uma relação, quando o outro se ausenta deste cenário relacional há uma mudança abrupta na própria intersubjetividade do ser uma vez que

É na presença do outro que nos tornamos visíveis a nós mesmos, onde a intercorporeidade é a troca primeira. Sendo com o outro um campo relacional, a coexistência em um mesmo mundo funda, por meio da intercorporeidade, as relações e as experiências subjetivas. A intersubjetividade é, portanto, a articulação da experiência, tornado-a possível (Merleau-Ponty, 1945 *apud* Freitas, 2013)

No contexto clínico, no entanto, não se focaliza uma técnica específica, mas sim visa um atendimento baseado na atitude fenomenológica, mudando da atitude natural para a atitude fenomenológica. É nesse contexto que o indivíduo pode explicitar a sua experiência existencial, não se aplicando uma ferramenta, mas

facilitando a fala do cliente sobre si, em que possa assumir responsabilidades por suas escolhas, percebendo-se lançado ao mundo, ao seu poder-ser. (VENDRUSCULO, 2016).

Nesse sentido, a psicoterapia sob o viés fenomenológico-existencial busca o acolhimento imediato do enlutado em sofrimento, ofertando o diálogo terapêutico e a escuta clínica, para que este se aproprie de seu modo de ser-com a realidade da ausência, salientando que não há um modo único de viver essa experiência. o terapeuta, por tanto deve

ao cuidar, acompanha-se o paciente em sua vivência de tal forma que seu discurso, dirigido ao outro, já retorne à sua própria escuta através das pontuações do terapeuta. Assim, o paciente vai se apropriando de seu modo de ser mais próprio. Trata-se, portanto, de um caminho árduo, em que não há tutela do terapeuta sobre a vida do paciente, evidencia-se o tempo todo liberdade e responsabilidade em existir (VENDRUSCULO, 2016, p.36)

Já sob uma ótica cognitivista, Lazarus e Folkman (1980 *apud* GALICIONI; LOPES; RABELO, 2012) trazem o conceito de *coping*, como uma parte constituinte do estresse, onde o sujeito, através do autoconhecimento, busca a autorregulação de seu comportamento e cognição, diante de diferentes demandas situacionais. O luto compreendido como experiência de impacto causadora de estresse, principalmente no âmbito emocional, exige do indivíduo esforços para lidar com tal situação, visando ajustar as respostas afetivas e os comportamentos diante da perda.

O *coping*, portanto, traduz-se como enfrentamento da situação estressora, leva o sujeito a fazer adaptações, sem que a perda seja esquecida, mas sim focalizando em estratégias que permitam o retorno e a continuidade da vida após esta perda (HORÁCIO; SANTOS, 2020). Deste modo, esta estratégia envolve, portanto, “esforços individuais para manter, restaurar ou reparar as necessidades psicológicas básicas de relacionamento, competência e autonomia” (RAMOS; ENUMO; PAULA, 2015, p.273).

Deste modo, fica esclarecida a diversidade de abordagens pelas as quais o psicólogo pode embasar-se para aplicar intervenções em seu âmbito de atuação. A Psicologia Clínica voltada ao trabalho com enlutados exige do profissional o domínio da temática da tanatologia¹, a fim de que seja trabalhado baseado na ética e no cuidado. Diante disso, a investigação do processo do luto é essencial para a

¹ Modalidade de estudo científico que focaliza a temática da morte.

identificação de possíveis complicações e/ou o caminho para um reconhecimento saudável da perda.

De maneira já explicitada anteriormente, a vivência do luto está fortemente implicada na velhice, seja ela pela perda de pessoas próximas ou as perdas decorrentes do avanço da idade. O idoso nesse cenário tende a vivenciar o trabalho do luto de maneira mais penosa, uma vez que suas possibilidades de novas vinculações são mais dificultosas.

O suporte psicológico oferta qualidade de vida ao sujeito através de autoconhecimento, ajustes no diálogo e expressão de sentimentos, bem como conhecer a relação do idoso com as pessoas de sua convivência, uma vez que as questões relacionais são de grande significância ao idoso diante dos rompimentos que ocorrem ao longo da vida. Sendo assim, o profissional da Psicologia atua na promoção de saúde, compreendendo junto ao sujeito as suas experiências de vida. (SANTANA; BELUCO, 2017).

Diferentes fontes de ajuda podem ser benéficas nesse processo, desde os apoios especializados como o aconselhamento do luto e a psicoterapia, até a ajuda não especializada. A partir disso, Leal *et al* (2019) argumenta sobre a psicoterapia em grupo como meio de auxiliar o enlutado no convívio com a perda, tendo a troca de experiências e o apoio dos profissionais como suporte no processo de ressignificação. A troca mútua entre enlutados favorece o sentimento de pertencimento e a compreensão do outro pela sua dor (FIGUEIREDO, 2019).

Com foco na velhice e reafirmando a diminuição de seus grupos relacionais, pensa-se nos grupos de apoio como uma possibilidade interventiva no processo do luto, uma vez que

Grupos consistem em espaços para trocas de experiências, assegurando comunicação clara entre seus membros, uma vez que podem ser considerados ambientes seguros de apoio para externar emoções e sentimentos. São acolhedores no sentido de promover socialização entre os pares e valorização da autoestima como agente atuante na promoção de mudanças internas e externas aos indivíduos. Além disso, podem ser informativos e de orientação. (SASSI, 2020, p.59)

Os grupos de apoio, enquanto ferramentas terapêuticas, são propostas e executadas por profissionais da saúde visando amenizar o sentimento de solidão e promover suporte emocional e aprendizagens, podendo elevar a autoestima, o autoconhecimento e a autoconfiança do sujeito idoso em situação de luto. Além disso,

há uma abertura para a transformação psicossocial destes sujeitos que, em sua maioria, tendem a lidar com maiores dificuldades no cotidiano após a perda.

É relevante ressaltar, a religião como um fator estratégico de enfrentamento muito comum no processo de luto, principalmente na velhice. O trabalho da Psicologia diante desta temática deve sempre priorizar a ética e jamais induzir crenças ao paciente, mas sim, aliar-se à compreensão de que a religião pode ser suporte na vida do sujeito enlutado. Como enfatizado por Camara (2019), é necessário manter uma preocupação extensiva no olhar psicológico pela religião, para que esta não seja obstáculo na elaboração do luto.

Em outro sentido, o trabalho psicológico deve apoiar-se no conhecimento integral das demandas do sujeito, portanto, é necessário que o profissional da área busque compreender a influência da religião na vida do enlutado, podendo ser um viés de fortalecimento diante do momento doloroso da perda. Com foco nas possíveis estratégias de enfrentamento, a religião pode ser trazida pelo enlutado como alternativa nesse processo e o psicólogo, mantendo a ética profissional, pode absorver disso para ampliar a compreensão acerca da vivência em que esse sujeito se insere.

O apoio psicoterápico na elaboração do luto em suas mais diversas modalidades pode promover o reestabelecimento do equilíbrio perdido a partir do enfrentamento da morte de alguém vinculado, neste caso o cônjuge. O idoso, inserido nessa condição, pode ser favorecido pela psicoterapia na busca por uma readaptação saudável, através de estratégias de enfrentamento que se modificam no aprofundamento teórico do profissional. Este profissional, além de tudo, deve estar orientado para a prática com idosos e o processo de envelhecimento, uma vez que as mudanças são constantes e podem ser penosas ao sujeito.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O filme *UP-Altas Aventuras* retrata a velhice do personagem Carl Fredericksen, contando de maneira dinâmica seu processo de desenvolvimento desde a infância até a senescência e, posteriormente, a sua aventura para realização de um sonho da esposa falecida. São evidenciados momentos marcantes da sua história com Ellie, sua esposa, que serviram de base para a execução deste capítulo.

A animação pode ser utilizada para evidenciar e exemplificar as temáticas abordadas, desde o processo biológico do envelhecimento que fica demonstrado ao longo das cenas iniciais, passando pelas questões sociais e emocionais que o personagem enfrenta, até chegar ao questionamento acerca das maneiras de auxiliar o idoso em um caso que se assemelha ao filme, visto que é algo comum nas sociedades atuais.

O foco de análise foram as cenas iniciais da animação que abordam a infância do personagem Carl Fredericksen até o seu momento pós perda de cônjuge, aos seus 78 anos de idade. Estas cenas explicitam o desenvolvimento do personagem junto à sua companheira Ellie, ilustrando as vivências prazerosas e dificuldades que enfrentaram juntos. A partir dessa animação foi possível compreender as implicações da perda da esposa na vida de Carl, deste modo, ilustrando o processo até sua superação.

Figura 1 - Carl e Ellie lendo o Livro de Aventuras



Fonte: Google Fotos.

Nas cenas iniciais, o vínculo entre Carl e Ellie no período da infância é enfatizado pelos interesses em comum. Em associação à Teoria do Apego de Bowlby (1907-1991), percebe-se a naturalidade em que os personagens se inclinam a uma vinculação afetiva. Após o contato inicial entre ambos, a qualidade desse vínculo se fortalece e fica explícita a influência desta relação na construção pessoal dos personagens, que se veem envolvidos pelas afinidades comuns aos dois, tais como a busca por aventuras e o sonho de viajar.

No decorrer do enredo, o filme exhibe a união conjugal de Ellie e Carl, que apesar das personalidades distintas, deixam o amor romântico em evidência. A relação conjugal sob o viés da Teoria do Apego enfatiza a busca por relações que sejam favoráveis à obtenção de segurança, cuidado e afeto. As conquistas do casal exibem uma relação conjugal promissora ao estabelecimento de uma vinculação de qualidade.

Figura 2 - Casamento de Ellie e Carl



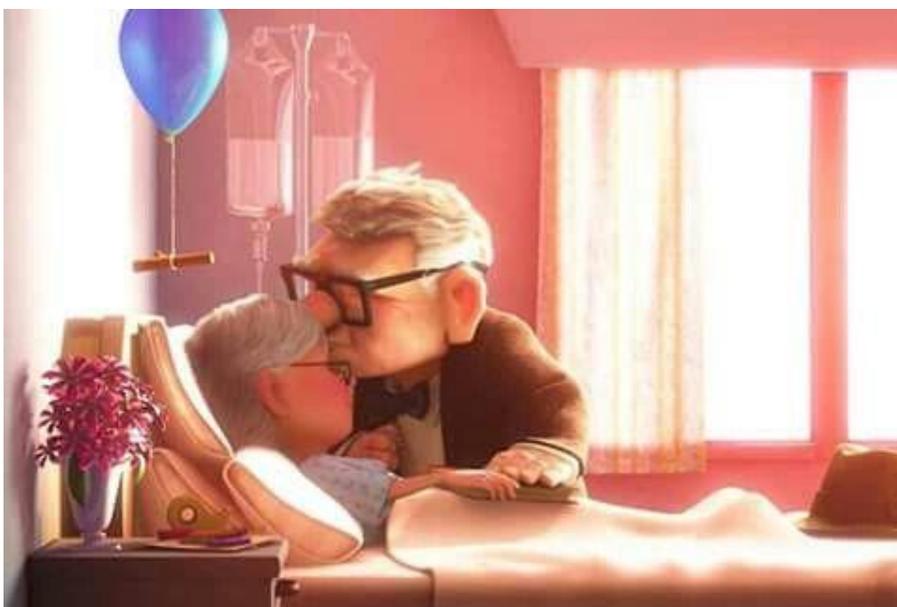
Fonte: Google Fotos.

A conjugalidade, caracteriza-se como a união da subjetividade de ambas as partes constituintes do casal que resultará em uma terceira, isto é, uma identidade compartilhada (BORGES; MAGALHÃES; CARNEIRO, 2015 *apud* CAMPOS *et al* 2017). Este processo fica explicitado no filme, através das cenas de união do par em que as decisões e ações giram em torno das vontades de ambos, como a compra da casa, a organização da mesma, a decisão por ter um filho. Nesse sentido, a vivência

matrimonial implica mudanças na individualidade do sujeito, que passa, então, a considerar ambas as necessidades dentro do relacionamento.

O cenário conjugal, porém, envolve etapas e desafios que podem fortalecer ou abalar a intensidade do vínculo. O casal de protagonistas enfrenta a perda de um filho durante a vida conjugal, logo, os sentimentos advindos do luto já existiam na relação, fator este que acentuou a aproximação de Carl e Ellie. O filme exemplifica algumas outras adversidades enfrentadas pelo casal ao longo do casamento, que os afetaram financeiramente.

Figura 3 - Ellie hospitalizada



Fonte: Google Fotos.

A chegada da velhice no filme ressalta os planos de Carl e Ellie sendo deixados de lado pelas responsabilidades advindas da maioridade, juntamente às limitações que resultaram do processo de envelhecimento. Apesar da afirmada característica multifacetada do envelhecimento, o filme destaca as limitações físicas dos personagens, fator este que salienta as alterações estruturais e funcionais do corpo humano.

A personagem Ellie passa por um período de hospitalização, a partir disso, é possível relacionar a cena com uma concepção muito disseminada socialmente, que associa a velhice ao adoecimento como certeza nessa fase da vida. Apesar de as

perdas orgânicas fazerem parte do processo, é necessário olhar para a velhice com uma perspectiva que não a reduza ao declínio biológico.

A caracterização do velho no filme acompanha esse estereótipo há muito disseminado, que enxerga o sujeito idoso como negativo, rabugento e fechado. Além disso, após esclarecida a chegada da velhice na passagem temporal do filme, percebe-se a representação de Carl vinculada à invalidez e fragilidade física, bem como à perda da sua autonomia, especificada pelos personagens do enredo que tentam impor a sua ida ao asilo.

Outro fator a ser enfatizado sobre a percepção da velhice no filme, está na tentativa incessante de comprar a casa de Carl, bem material esse que é símbolo do seu apego pela esposa, desvalidando seus sentimentos e necessidades. Essa concepção retira do idoso a função de seus papéis sociais, tal concepção é ainda mais fortemente reforçada pelos ideais capitalistas que desvalorizam a velhice diante da necessidade de explorar a força de trabalho. Esse ideal está especificado pelo empresário, personagem do filme que tenta incessantemente comprar sua casa para crescer com seu negócio.

Figura 4 - Empresário na obra ao redor da casa de Carl



Fonte: Google Fotos.

O descaso com as vontades do idoso no filme representa uma realidade atual de despreparo social para lidar com as demandas da velhice. A anulação das necessidades advindas dessa fase da vida torna a sua experiência em sociedade

ainda mais complexa, uma vez que as questões relacionais são afetadas, bem como a sua adequação aos avanços sociais que, assim como o envelhecimento, é constante.

Após a morte de Ellie, é explicitada a solidão na vida de Carl, que segue uma rotina solitária e demonstra apego material aos objetos deixados por Ellie ou que remetem a lembrança da vida à dois. O apego aos pertences de Ellie pode enunciar uma forma de respeitar a memória da mesma ou um luto com dificuldades de elaboração saudável. O luto mal elaborado ou complicado, nesse contexto, uma vez que a disponibilidade para elaboração da perda na velhice vê-se ainda mais dificultada, devido a ausência de condições emocionais e relacionais favoráveis, mostra-se uma possibilidade real devido a estes fatores complicadores (OLIVEIRA; LOPES, 2008).

A temática do filme aborda a perda do cônjuge de maneira sucinta, porém emocionante; enfatiza a aventura de Carl Fredericksen em busca de realizar os sonhos da juventude que ficaram esquecidos ao longo de seu processo de envelhecimento. Os desafios e obstáculos enfrentados pelo personagem na busca da realização de um sonho da esposa falecida faz alusão a uma elaboração do luto, apesar de apresentar-se de maneira simbólica, a aventura neste contexto se apresenta como processos da superação que ressignificam a perda do cônjuge.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou a compreensão acerca das implicações da viuvez na vida do idoso representado na animação *UP-Altas Aventuras*, para tal foram discutidos os aspectos do envelhecimento humano em sua dimensão biopsicossocial, buscando compreender as teorias que envolvem cada âmbito, que tentam elucidar as questões causais das modificações advindas do envelhecer. Posteriormente, debateu-se sobre a construção sócio-histórica da velhice, enfatizando os estereótipos e preconceitos que permeiam a história humana, bem como o papel do idoso na sociedade contemporânea.

Para a compreensão da viuvez, examinou-se o processo da união até o momento da perda. Compreendeu-se o tema da conjugalidade e os processos que permeiam a vida matrimonial, ressaltando sempre a qualidade do vínculo conjugal enquanto fator pertinente para compreensão do processo do luto em cada contexto. A condição de viuvez, portanto, é evidenciada como evento que insere o sujeito em uma situação especial, pois provoca modificações em diversos âmbitos da vida. No cenário da velhice, por sua vez, a percepção do luto pode ser ainda mais aflitiva e complicada, considerando as suas perdas ao longo do processo de envelhecimento.

Diante disto, pensou-se na atuação da Psicologia, inserida no contexto clínico, como forma de lidar com as demandas de idosos viúvos. A partir da assimilação do luto enquanto vivência de rompimento de vínculo que pode acarretar prejuízos no âmbito psíquico, a psicoterapia e o aconselhamento psicológico surgem como meios de intervenção ao processo luto, visando a facilitação e pela elaboração do processo, tanto no domínio da prevenção de um luto patológico, quanto no tratamento deste.

Para elucidar o problema de pesquisa delineado, utilizou-se da análise fílmica da animação que retrata a vivência de Carl Fredericksen em seu processo de enfrentamento da perda de sua esposa Ellie, em conjunto com a revisão bibliográfica focalizando nos temas do luto, viuvez, envelhecimento, a fim de associar as cenas do filme em correspondência com os aspectos teóricos que comprovam a relevância de tal temática na atualidade.

Os resultados obtidos comprovam a relação das cenas com a realidade vivida no processo de viuvez na velhice, uma vez que a história dos personagens é

exibida de modo a explicitar a influência de tal perda na vida do protagonista, bem como seu processo de superação, que apesar de lúdico, faz alusão aos desafios e etapas que se enfrenta durante a elaboração de uma perda dolorosa como a do cônjuge, tendo em vista a qualidade da relação e o fator temporal para construção dela.

Apesar do êxito na exemplificação das temáticas através do filme, percebe-se uma tendência da animação a associar o idoso à debilidade, fator este que contribui com a disseminação de estereótipos negativos ao velho, aspecto esse que não é objetivo do presente estudo, que busca desvincular a velhice destas concepções. Além disso, a pesquisa mostrou-se limitada no processo de identificação de intervenções psicológicas voltadas ao campo específico do luto em idosos, no entanto, foi possível discriminar algumas destas possibilidades tendo por base a busca de temas específicos como luto, velhice e psicologia.

A partir deste trabalho é possível obter esclarecimentos relevantes para a sociedade que ainda estigmatiza a velhice e, por tal, não focaliza em estudos aprofundados para lidar com questões como as implicações do luto nessa fase da vida. Assim, profissionais do campo da Psicologia poderão incorporar este conhecimento à sua atuação utilizando de outra perspectiva como a do filme, compreendendo-o como ponto de partida no debate das atuações psicólogo clínico e suas possibilidades e oportunidades de exercícios com idosos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Thiago. **O percurso do amor romântico e seus desdobramentos através das eras: ontem, hoje e será que para sempre?**, 2007. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B6K0iiZv9saFcjJYVDF3OEhmR1E/view>. Acesso em 15 de outubro de 2022.
- AMORIM, Emanuel Martins. **Resiliência em idosos viúvos**. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social) – Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/3223/1/DissertMestradoResumoIndIntrodEMA2012.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2022.
- ARAÚJO, Ludgleydson F.; CARVALHO, Virgínia M. Aspectos Sócio-Históricos e Psicológicos da Velhice. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 6, n. 13, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/278>. Acesso em: 11 de setembro de 2022.
- BARRAL, Manuela C.; FRANCO, Maria Helena P. **Envelhecimento, luto e suas especificidades**. In: FRANCO, M. H. P.; ANDERY, M. C. R.; LUNA, I. J. (Org). Reflexões sobre o luto: práticas interventivas e especificidades do trabalho com pessoas enlutadas. Curitiba: Appris, 2021.
- BARROS, Jackeline; SOUZA, Lediomara; FITARONI, Juliana. **O processo de luto na velhice após a perda do cônjuge**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Centro Universitário de Várzea Grande, Várzea Grande, 2018. Disponível em: <http://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/938/914>. Acesso em: 23 de outubro de 2022.
- BEAUVOIR, Simone de. A velhice nas sociedades históricas. In: BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, recurso digital.
- BECKER, Ana Paula S. **Entrelaçamentos de afeto: a relação entre o apego dos membros do casal na infância e o relacionamento conjugal e parental**. 2020. 245 f. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216378>. Acesso em: 12 de outubro de 2022.
- BORGES, Marianna B. O. **A produção de conhecimento sobre o envelhecimento humano: aspectos históricos e sociais**. Monografia (Grau de psicólogo) – Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário de Brasília. Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/123456789/2991?mode=full>. Acesso em: 13 de setembro de 2022.
- BOTH, Tatiana L.; ALVES, Alessandro R.; PEREIRA, Camila; TEIXEIRA, Thaís P. Uma abordagem para o luto na viuvez da mulher idosa. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 9, n. sup.1, 9 out. 2013. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/2788>. Acesso em: 5 de outubro de 2022.

BOWLBY, John. (1973). Perda: tristeza e depressão. In: **Apego e Perda**, v. 3. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004

BRASIL. **Lei no 8.842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília: MPAS, 1994.

BRASIL. **Lei nº 1074, de 1 de outubro de 2003**. Dispõe sobre os Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: DF, 2003.

CAMARA, Sérgio L. Estudos em psicologia sobre morte, luto, religião e espiritualidade: uma revisão da literatura brasileira. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v.39, n.96, p.129-140. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000100013>. Acesso em: 23 de novembro de 2022.

CAMPOS, Suzana O.; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Miguel A. Transformações da conjugalidade em casamentos de longa duração. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, 2017, v.29, n.1, p.69-89. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652017000100006>. Acesso: 25 de setembro de 2022.

CANDIDO, Sara S. **O processo de morte, luto e psicologia: como se dá o trabalho do psicólogo neste contexto**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado de Psicologia), Unileão, Juazeiro do Norte, 2019. Disponível em: <<https://sis.unileao.edu.br/uploads/3/PSICOLOGIA/P1183.pdf>>. Acesso em: 1 de novembro de 2022.

COSTA, Filipa. **A solidão como fator de risco para a depressão, na terceira idade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15862/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Filipa.pdf>>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

DARDENGO, Cassia F.; MAFRA, Simone. C. Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?. **Revista de Ciências Humanas**, v. 18, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

DAWALIBI, Nathaly Wehbe *et al.* Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da SciELO. **Revista Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 30, n. 3, julho-setembro de 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/Ygw4N4DVy5DMVgLhGHLxydp/?lang=pt>>. Acesso em: 12 de setembro de 2022.

DEBERT, Guita Grin. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

DIAS, Carlos Alberto; ALVES, Juliana M. Reflexões sobre a escolha da parceria conjugal. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. 2004, v.15, nº 1, p.113-131. Disponível em: <https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/515>. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

DOLL, Johannes *et al.* Atividade, Desengajamento, Modernização: teorias sociológicas clássicas sobre o envelhecimento. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 12, 2007. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/4977>>. Acesso em: 9 de setembro de 2022.

FIGUEIREDO, Lucimar S. **A dor tem cura? : avaliação da eficácia da psicoterapia na prevenção do luto patológico**. 2019. 33f. Artigo Científico. UNISUL, Santa Catarina, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10448>>. Acesso em: 6 de novembro de 2022.

FRANCO, Maria Helena P. **A psicoterapia em situações de perdas e luto**. São Paulo: Editora Livro Pleno, 2000.

FRANCO, Maria Helena P. **O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno**. São Paulo: Summus, 2021.

FRANCO, Maria Helena P.; BRAZ, Mariana S. Profissionais Paliativistas e suas Contribuições na Prevenção de Luto Complicado. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**, 2017, v.37, n.1, p.90-105, Jan/mar. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pcp/a/ksrv46KYjzK4xtYN4cp5Fk/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 26 de outubro de 2022.

FREITAS, Eduarda Rezende *et al.* Tarefas de Desenvolvimento e História de Vida de Idosos: Análise da Perspectiva de Havighurst. **Revista Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 26, n. 4, p. 809-819, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/8qwvMmGKjxDZrtXznsYb3Qv/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 8 de setembro de 2022.

FREITAS, Joanneliese. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. **Revista Psicologia USP**, v.29, n.1, p.50-57. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/7XBPBJQ4PLgrXc9pTyCDSTw/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 4 de novembro de 2022.

FRIES, Aline T.; PEREIRA, Daniela C. Teorias do Envelhecimento Humano. **Revista Contexto & Saúde**, v. 10, n. 20, jan-jun, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoesaude/article/view/1571>>. Acesso em: 05 de setembro de 2011.

GALICIONI, Thaisa Gapski Pereira *et al.* Superando a viuvez na velhice: o uso de estratégias de enfrentamento. **Revista Temática Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 4, p.225-237, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/kairos/article/download/17048/12671>>. Acesso em: 24 de maio de 2022.

GONZAGA, Ludymilla Z.; PERES, Rodrigo S. Entre o rompimento concreto e a manutenção simbólica do vínculo: particularidades do luto de cuidadores familiares de portadores de doenças crônico-degenerativas. **Vínculo – Revista do NESME**, 2012, v.9, n. 1, p.1-60. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000100003>. Acesso em: 27 de outubro de 2022.

HORÁCIO, Fernand C. A.; SANTOS, Ludmila P. N. **O enfrentamento do luto na velhice diante da perda do cônjuge no âmbito familiar**. 21f. Monografia (Graduação em Psicologia), UNA, Goiás, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/17239>>. Acesso em: 23 de novembro de 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Crescimento do número de idosos em 5 anos**. Revisão, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em: 03 de setembro de 2022.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. Editora Martins Fontes. São Paulo 1996.

LEAL, Andreia D. **A experiência de perda e o processo de luto: o papel de uma unidade de cuidados paliativos**. 2012. 132f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Católica Porto, Porto, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/16754/1/Documento%20disserta%C3%A7%C3%A3o_AndreiaDiasLeal.pdf>. Acesso em: 30 de outubro.

LEAL, Luana *et al.* A importância da psicoterapia no processo do luto. **Revista Diálogos Interdisciplinares**, v.8, n.1, 2019. Disponível em: <<http://revistas.brazcubas.br/index.php/dialogos/article/view/633>>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. **DSM-IV**. Porto Alegre: ARTMED, 2014.

NASCIMENTO, Cesar *et al.* Luto: uma perspectiva da terapia analítico-comportamental. **Psicologia Argumento**, v. 33, n. 83, 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19593>. Acesso em: 3 de novembro de 2022.

NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Revista Temas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 17-34. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005>. Acesso em: 08 de setembro de 2022.

NOGUEIRA, Cátia Alexandra B. Luto e depressão: intervenção psicológica. 2016. Relatório de Estágio (Mestrado em Psicologia Clínica), Universidade Lusíada de Lisboa, 2016. Disponível em: <<http://repositorio.ulusiada.pt/handle/11067/2656>>. Acesso em: 2 de novembro de 2022.

OLIVEIRA, João. LOPES, Ruth. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 217-221, abr./jun. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200003>>. Acesso em: 28 de outubro de 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde – Resumo**, 2015. Disponível em:

<https://apps.who.int/iris/bitstream/10665/186468/6/WHO_FWC_ALC_15.01_por.pdf>. Acesso em: 16 de setembro de 2022.

PAPALÉO NETTO, Matheus. **Gerontologia – A velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Editora Atheneu, 1996.

PARKES, Colin M. **Luto: Estudos Sobre A Perda Na Vida Adulta**. Ed. Summus. 1998

PAVELKA, Viviane R. **Vínculo e separação: um estudo sobre o rompimento dos laços matrimoniais**. 2009. 37f. Monografia (Pós-graduação em Psicologia Jurídica), Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T204968.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2022.

RAMOS, Fabiana P.; ENUMO, Sônia R.; PAULA, Kely M. Teoria Motivacional do Coping: uma proposta desenvolvimentista de análise do enfrentamento do estresse. **Revista Estudos de Psicologia (Campinas)**, v.32, n.2, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/jYzJ8xNQfvYcbbdyr4PvsgD/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 23 de novembro de 2022.

RODRIGUES, Lizete de S.; SOARES, Geraldo. A. Velho, Idoso e Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. **Revista Ágora**, Espírito Santo, n. 4. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901/1413>> Acesso em: 5 de setembro de 2022.

SANTANA, Madalena A.; BELUCO, Adriana C. A atuação do psicólogo na promoção da qualidade de vida a idosos asilados. **Revista Uningá Review**, v.29, n.3, 2017. Disponível em: <<https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1982>>. Acesso em: 5 de novembro de 2022.

SANTOS, Silvana S. C. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 3. Brasília, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reben/a/9H43x4GWRnd8sJXHYPW6b8x/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

SASSI, Franciele. **Um por todos e todos por um: Apoio ao luto oferecido no Brasil com foco em propostas grupais**. 2020. 124f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/handle/handle/24312>>. Acesso em: 7 de novembro de 2022.

SCHNEIDER, Rodolfo H.; IRIGARAY, Tatiana Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Revista Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 25, n. 4, outubro-dezembro de 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/LTdthHbLvZPLZk8MtMNMzyb/?lang=pt>>. Acesso em: 4 de setembro de 2022.

SILVA, Célio E. **História e desenvolvimento do conceito de família**. 2005. 157f. Dissertação (Mestrado em Direito das Relações Sociais), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/8393/1/Celio%20PDF.pdf>>. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

SILVA, Luna R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Revista História, Ciências e Saúde**, v. 15, n. 1, p. 155-168, janeiro – março. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/hcsm/a/kM6LLdqGLtgqpggJT5hQRCy/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 15 de setembro de 2022.

SILVA, Maria D. F.; FERREIRA-ALVES, José. O Luto em Adultos Idosos: Natureza do Desafio Individual e das Variáveis Contextuais em Diferentes Modelos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.25, n.3, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/prc/a/3tSjhYY3jWbg7BHGBkMwdSr/?lang=pt>>. Acesso em: 24 de novembro de 2022.

SILVA, Solange.; CARNEIRO, Maria Izabel P.; ZANDONADI, Antônio Carlos. O luto patológico e a atuação do psicólogo sob o enfoque da psicoterapia dinâmica breve. **Revista Farol**, v.3, n.3, 2017. Disponível em: <<https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/view/42>>. Acesso em: 3 de novembro de 2022.

SIQUEIRA, Alessandra C.; AZEVEDO, Daiane F. Terapia do luto: intervenções clínicas na elaboração do processo de luto. **Revista Farol**, v.9, n.9, 2020. Disponível em: <<https://revista.farol.edu.br/index.php/farol/article/view/154/180>>. Acesso em: 1 novembro de 2022.

STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk. The dual process model of coping with bereavement: Rationale and description. **Death Studies**, Philadelphia, v. 23, n. 3, p. 197-224, 1999

UP-ALTAS AVENTURAS. Direção: Pete Docter. Estados Unidos da América: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2009.

VENDRUSCULO, Juliana. **‘E agora amor, o que será da vida?’**: psicoterapia fenomenológico-existencial em situações de luto. 2016. 46f. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica), Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<https://www.ifen.com.br/site/files/154/Monografias/423/%E2%80%98E-AGORA-AMOR,-O-QUE-SERA-DA-VIDA%E2%80%99-PSICOTERAPIA-FENOMENOLOGICO-EXISTENCIAL-EM-SITUACOES-DE-LUTO.pdf>>. Acesso em: 4 de novembro de 2022.

VIEIRA, Renata A. MACIEL, Lizete S. Melhor idade, ou naturalização da velhice e produção de preconceitos?. **Revista Série-Estudos**, v. 25, n. 54, p. 49-63, maio-agosto. 2020. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/sest/v25n54/1414-5138-sest-25-54-0049.pdf>>. Acesso em: 15 de agosto de 2022.

WORDEN, James W. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: um manual para profissionais da saúde mental.** São Paulo: Roca, 2013.